



## **RAZÃO EMANCIPADORA: EM BUSCA DA AUTONOMIA DO SUJEITO PELO PROCESSO EDUCACIONAL**

BIDO, José Mateus. PG, Unioeste, [profmateus1@hotmail.com](mailto:profmateus1@hotmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

A concepção de uma razão emancipadora se fundamenta num processo educacional pautado na formação de uma consciência dirigida para a autonomia e para a crítica dos elementos políticos que compõem o social. É a condição imprescindível para que os excessos culturais e políticos de caráter totalitários não ocorram. É também uma forma de compreender os elementos responsáveis pela injustiça cometida contra o sujeito e contra o social. Frente a esta situação e com base na perspectiva de Adorno, a concepção filosófica que norteia a postura pedagógica deve propiciar o fim de todas as barbáries ou evitar, pela postura consciente, que elas se repitam.

Sendo assim, para pensarmos a razão como emancipadora é necessário que ela seja concebida a partir de um processo em desenvolvimento contínuo de crítica de si mesma e de seus resultados. Se entendida como processo e em formação, a razão passa a ser a condutora da crítica sobre a educação. Crítica esta que deve inquirir sobre os seus rumos assumidos pela educação na busca pela formação de um sujeito crítico e autônomo. Como compreender o dado emancipador da razão na sociedade capitalista contemporânea? Como proporcionar a busca da autonomia do sujeito por um processo educacional que aponte para uma razão emancipadora?

Para dialogar com estes problemas vamos compor o nosso argumento, apresentando o caráter instrumental assumido pela razão na contemporaneidade, ressaltando o seu aspecto dicotômico, para compreender em Adorno o dado emancipador da razão pelo processo educacional.

### **DITAMES DA RAZÃO CONTEMPORÂNEA:**

Quem hoje em dia escolhe o trabalho filosófico como profissão deve, de início, abandonar a ilusão de que partiram antigamente os projetos filosóficos: que é possível, pela capacidade do pensamento, se apoderar da totalidade do real. Nenhuma razão legitimadora poderia se encontrar novamente em uma realidade, cuja ordem e conformação sufoca qualquer pretensão da razão; apenas polemicamente uma realidade se apresenta como total a quem procura conhecê-la, e

apenas em vestígios e ruínas mantém a esperança de que um dia venha se tornar uma realidade correta e justa (ADORNO. A atualidade da Filosofia).

Aprofundando a análise acerca do entendimento sobre os horizontes do espírito racional moderno, em seu processo e conjunto, emergem dois temas centrais: a *Subjetividade* e a *Racionalidade*, os quais convergem para o entendimento da busca pela emancipação.

A modernidade nos coloca diante de um homem que estabelece e define o seu existir pela sua própria capacidade de pensar, planejar, escolher e decidir, sem fundamentar-se mais em outro critério, senão o da razão. Descartes é a referência na modernidade ao instituir o postulado: “penso, logo existo”. Seguindo a mesma linha de reflexão da história do pensamento ocidental pode-se dizer que a contemporaneidade deve instituir um outro postulado ao sujeito: ajo porque penso criticamente.

É evidente que ocorre uma mudança no imaginário humano e uma re-significação dos símbolos pessoais e sociais, a ponto de o mundo ser pensado agora sobre a força intelectual e normativa do próprio homem. A razão é, portanto, uma força intelectual que define os próprios projetos do homem em direção à conquista do que pretende realizar.

Este caminho pela emancipação conduz a racionalidade ocidental à constituição do pensamento filosófico a nós contemporâneo. É fato que a reflexão filosófica contemporânea tem apresentado uma concepção de si que mais se configura pela crise do que pela segurança. Estas reflexões estão presentes em diferentes aspectos da nossa cultura ocidental, que se tornou fundamentalmente teórica e de análise fria sobre fatos e pessoas. Tornou-se parte de um processo que valoriza o aparente da realidade, sem realmente aprofundar uma reflexão às raízes dos problemas filosóficos postos.

Para referenciar esta problemática, damos espaço ao texto do professor Herrero, no qual escreve:

A cultura ocidental é uma cultura da razão, na qual a razão é o foco ordenador de todos os discursos. Conseqüência disso é que todos os âmbitos da vida foram submetidos a uma teorização. A sociedade moderna exige elaborar teorias da natureza, teorias da sociedade, teorias de tudo, até do inconsciente. A razão se tornou também a ciência do ethos, ciência do agir humano ou ciência da práxis. Essa tentativa de confrontar o agir humano com as exigências universais da razão não obteve o mesmo êxito que a ciência da natureza. Mas a cultura ocidental nunca deixou de tentar uma fundamentação igualmente universal da ética. E é justamente o enorme desenvolvimento atual das ciências e da técnica que nos leva a colocar, de um modo mais urgente do que nunca, o problema da responsabilidade da razão, isto é, ele nos obriga a responsabilizar-nos por tudo o que essa cultura teórica provocou, sobretudo nos últimos anos (HERRERO, 2000, p. 164).

Deste legado, a contemporaneidade herda um estado de crise da razão, entendido como um processo dicotômico entre o fundamento pelo qual se desenvolveu e o real resultado de sua evolução intelectual. Esta situação também está presente na concepção de educação, que, envolvida pela noção de crise, sente-se instável para responder aos desafios impostos pela condição do contexto produtivo.

## **RAZÃO DICOTÔMICA**

A razão contemporânea, por força de seu dinamismo, vive a dicotomia real entre o efetivo e o eficaz. Esta dicotomia provoca, pelas condições impostas pelo meio produtivo e cultural, o fortalecimento do efêmero. O processo instituído por esta dicotomia fortalece o esquema intelectual de valorização do transitório, exatamente pelo fato de que ele representa a real necessidade do processo produtivo. Isto porque o processo de produção estimula a criação do novo como meio de manter-se em sua dinâmica.

Esta dicotomia entre o efetivo e o eficaz, quando pensada a partir da compreensão de T. W. Adorno, pode se apresentar como a incoerência necessária que precisa ser denunciada em vista da superação do espectro da Verdade. Esta situação diacrítica, se observada a partir da concepção da razão subjetiva de Adorno, necessita ser pensada com o propósito de erigir a postura individual do sujeito para a consciência, como fator de superação da massificação imposta pela indústria cultural.

Este processo dicotômico se torna um esquema mental e vai sendo construído como o responsável pelas decisões que afetam cada indivíduo, desde o seu primeiro meio social de convivência, passando também pelo processo de educação escolar. Neste sentido, é necessário pensar a educação como parte deste contexto, exatamente para que seja instituída a crítica sobre o seu processo.

Educação não é um dado estanque. É um processo em constante movimento. Neste sentido, quando nos referimos à concepção de educação, fazemos com o propósito de apresentá-la como uma dinâmica, na qual o indivíduo deve ser posto diante da realidade de maneira crítica, a fim de que possa entender o seu contexto cultural e participar ativamente (como intelectual e como ser político) de sua construção. Esta deve ser a configuração ética da educação.

O processo educacional para a formação do sujeito crítico deve ser alcançado por meio de uma razão que aponte para a emancipação de si mesma. Isto é, uma razão que perceba subjetivamente esta dicotomia como uma incoerência objetiva, e cuja consequência está em tratar a humanidade como efêmera.

Pode-se, então, falar de uma razão emancipadora em Adorno? Pode-se ainda pensar a educação como um processo para a formação de um sujeito crítico? Não pensar a

solução destes problemas é desconsiderar o potencial da razão contemporânea. Não pensá-los a partir da racionalidade ocidental é tentar construir uma incoerência maior, pois pensar o pensamento e os seus propósitos é tarefa permanente do intelecto humano.

Como, então, pensar uma razão emancipadora? A razão torna-se emancipadora na medida em que ela passa a ser a referência para a configuração de um processo educacional que aponte, a partir dos problemas reais que afligem a humanidade (problemas estes presentes bem próximos do indivíduo existente) para a formação contínua e permanente do sujeito, visando a consciência da sua individualidade existente e histórica.

É na formação do sujeito para a significação de sua individualidade que se torna possível a constituição da crítica. É exatamente por esta significação que cada sujeito passa a ser indivíduo de racionalidade, ampliando as condições de análises sobre si mesmo, sobre o meio social e sobre a sua relação com a natureza.<sup>1</sup>

Sendo assim, a constituição de um processo educacional que estimule a individualidade significativa<sup>2</sup>, isto é, o caráter próprio de cada um, a forma própria de inquirir sobre problemas reais e postura pessoal para o diálogo democrático, passa a ser determinante para a solidificação da emancipação da razão na contemporaneidade.

Razão emancipada é razão que não se fecha em sistemas, que não promove a efemeridade, que não reduz os diferentes em iguais. É razão que fundamenta um processo educacional e esclarece as suas intencionalidades na história para a abertura constante do ser humano para o entendimento do diferente, do singular e do que é mais profundo. É um processo que personifica os indivíduos na massa coletiva.

## **A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO PARA A EMANCIPAÇÃO EM T. W. ADORNO**

Exposto o contexto de nossa reflexão passaremos a dialogar especificamente com e a partir de Adorno sobre a educação como processo para a emancipação e formação do sujeito crítico. A indagação de Adorno, quando procura pensar o fundamento educacional de sua época, está justamente em apresentar a constatação argumentativa de que o processo

---

<sup>1</sup> Para melhor fundamentar esta reflexão em Adorno, vamos ler na obra citada em nossas referências bibliográficas: "Dialética Negativa", no segundo capítulo da Primeira Parte (p. 90-116), os argumentos do pensador sobre a noção de ser e existência, os quais são reveladores de uma dinâmica ontológica que aproxima o ser presente em cada indivíduo existente de uma compreensão da realidade para além da condição sistêmica. É a condição pela qual o confronto entre sujeito e objeto revela a compreensão de uma verdade predicada pela relação e não mais de um sobre o outro.

<sup>2</sup> Compomos a expressão individualidade significativa a partir da leitura do primeiro capítulo da primeira parte do livro "Dialética Negativa": A Necessidade Ontológica (p. 59-89). Ela quer expressar a correspondência entre a consciência que o sujeito tem de si mesmo, enquanto individualidade existente, e do seu real significado no contexto em que se encontra. Esta concepção garante a cada indivíduo a força particular de denunciar as forças massificadoras da cultura capitalista, fazendo de si agente de consciência e de relacionamento. Enquanto consciência, sujeito crítico; enquanto relacionamento, sujeito político e estético.

Sugerimos também a leitura: ADORNO, 2008, p. 9-13 e p. 226-228.

educacional vigente se apresenta como impotente para pensar criticamente a si mesmo. Além disso, o processo não consegue avaliar criticamente as suas conseqüências diante do agir humano e, acima de tudo, torna-se impotente também para transformar a situação real. É impotente ainda porque baseia-se em um modelo de razão que se torna instrumento do meio produtivo.

Intrinsecamente, a relação lógica estabelecida por Adorno, no processo educacional, entre razão e emancipação, está ligada ao objetivo fundamental que a educação possui. Tal objetivo é o processo de formação do homem crítico e esclarecido. Este objetivo da educação aponta para uma compreensão da razão que, necessariamente, é crítica de si mesma e dos sistemas históricos estabelecidos, tanto na ordem intelectual, quanto na ordem política e cultural.

Como razão crítica, ela deve apontar também para um aspecto de razão libertadora. Ela deve ser libertadora das forças instintivas de dominação, presentes no homem<sup>3</sup>. Tal libertação se dá pelo processo civilizatório presente na filosofia e na arte. É libertadora da dominação da lógica do mercado, de caráter massificador. Tal libertação se dá pela formação de um indivíduo crítico e com consciência mais profunda de si e do seu meio. É também libertadora de sistemas que confluem para a formação do Estado Totalitário. Tal libertação se dá, pela autonomia e esclarecimento do indivíduo que politicamente se conduz para e pela democracia.

Mas qual seria propriamente o papel da educação como processo emancipador pela formação do sujeito crítico? Adorno conduz esta indagação para pensarmos para além do óbvio do processo.

Eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento do mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais preestabelecidos. Pois se não fosse por outro motivo, a simples e acelerada mudança da situação social bastaria para exigir dos indivíduos qualidades que podem ser designadas como capacitação à flexibilidade, ao comportamento emancipado e crítico (ADORNO, 2006, p. 141).

Neste aspecto, o processo educativo é pensado como promoção da autonomia humana, enquanto indivíduo e ser social. Partindo desta referência, Adorno pensa a educação tanto em seu fundamento, quanto em sua intencionalidade, a partir de um devir

---

3 Sugerimos a Leitura: ADORNO, T. *Introdução à "A Personalidade Autoritária"* [1950]. Publicado originalmente em Theodor Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford, *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950. Reproduzido em *Gesammelte Schriften* Vol. 9, T. I [Soziologische Schriften II] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 143-. Traduzido por Francisco Rüdiger de acordo com a versão editada em *Critical Theory ana Society – A Reader*, organizado por Douglas Kellner e Stephen Bronner. Nova York: Routledge, 1989. <http://adorno.planetaclix.pt/>

histórico que não permita, em sua fundamentação, a formação de um homem alheio à sua razão de ser.

Enquanto fundamento, a educação deve ser envolvida por um conceito de razão eminentemente crítico-libertador, que conduza o indivíduo à autonomia no meio social, por meio de uma consciência repleta de entendimentos e posicionamentos, que realiza a denúncia da “falsa cultura”, ou semiformação cultural, mediante uma razão esclarecida de suas contradições. Por outro lado, a educação deve ser envolvida por um processo que seja favorável à “cultura”, que necessariamente deve ser entendida como formação cultural, isto é, um conjunto de elementos que *des-massifique* o indivíduo..

Enquanto intenção, o foco educacional deixa de discutir o pressuposto da necessidade da educação e se dirige “para onde a educação deve conduzir?” (ADORNO, T., 2006, p. 139), ou seja, o objetivo sobre o qual a educação se fundamenta. Ora, o objetivo fundamental da educação deve ser a constituição da autonomia potencial do sujeito, frente à força de massificação do capitalismo contemporâneo ou da presença de um Estado hegemônico.

A educação deve ser pensada, tanto em seu fundamento quanto em sua intencionalidade, a condição para a formação de uma racionalidade que possibilite a autonomia do indivíduo. Ela é a possibilidade pela qual o ser humano transcende a mera condição de objeto (massa) imposta sobre ele pela sociedade de consumo. Este é o foco de reconstrução do sentido emancipatório da formação cultural, enquanto processo educacional.

Trata-se de pensar a educação como desenvolvimento histórico, como um dever constante, bem como as suas implicações, no sentido de conceder um esclarecimento maior sobre o indivíduo e sua ação, enquanto tal, frente à realidade. Neste aspecto, o processo educacional está marcado fundamentalmente pela formação histórica e política do sujeito.

Neste contexto, o processo educacional se apresenta em sua condição de formação crítica do sujeito, na medida em que oferece as possibilidades de resistência intelectual contra toda ação antidemocrática e autoritária. Neste aspecto, a razão se apresenta como esclarecida na medida em que nela está presente a postura emancipadora. Vale dizer, então, que a razão é emancipadora quando proporciona a formação do sujeito crítico, que toma consciência das ideologias dominantes e da objetivação do sujeito histórico imposta pela massificação e pelo consumo.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Textualmente:

“... Penso sobretudo em dois problemas difíceis que é preciso levar em conta quando se trata de emancipação. Em primeiro lugar a organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante”... (ADORNO, 2006, p. 143).

Portanto, uma razão somente pode ser emancipadora na medida em que é emancipada e que aponte para a individualidade significativa da pessoa, visto que para Adorno:

De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização e racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente um movimento de adaptação. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em conseqüência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 2006, p. 143.144).

Mais propriamente, a concepção educacional em Adorno partirá da perspectiva de uma razão emancipadora. A educação deve conduzir à formação do sujeito de forma autônoma e participativa, como condições fundamentais para evitar a totalização sistêmica de uma razão centralizadora e de uma concepção reprodutiva do saber tecnicista, característica da sociedade capitalista.

Contrariamente ao processo educacional, fundamentado na razão totalizadora ou “razão dominante”, a educação para a formação da individualidade significativa e autônoma deve resgatar a importância do sujeito crítico como condição de formação política (Cf. ADORNO, 2006, p. 169-185). Este é o limiar de uma razão emancipadora. Por esta via, a educação combate todo princípio autoritário, como meio de resistência à submissão, por meio da crítica interna, que esclarece e denuncia os excessos.

Em oposição à concepção reprodutiva do saber tecnicista, característica da sociedade capitalista, a educação deve estimular a razão emancipadora, mediante a denúncia da coisificação do ser humano, agora pela crítica da superestrutura social. Esta via conduz a sociedade esclarecida à denúncia da “falsa cultura” em favor da “cultura”.

Mas qual é a concepção de Adorno sobre Educação?

... Gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive de maior importância política. Sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas de operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 2006. Pág. 141-142).

Neste aspecto, a educação tem relação direta com o processo de formação política, quando afirma que “a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia...”

(ADORNO, 2006, p. 169). Ela está para a formação de uma consciência madura, que se eleva para além de si e contempla necessariamente o meio social, em vista de uma mudança necessária, frente às suas contradições internas. Uma educação que prime pela formação política, com base na democracia, necessariamente deve ser constituída por pessoas conscientes, isto é, pessoas compreendidas por Adorno como emancipadas.

Esta postura de Adorno aponta, necessariamente, para o *fundamento*, que deve sustentar a educação (o “porquê” do “para quê”), e para a *intencionalidade*, que a orienta à finalidade educacional (o “para quê” do “porquê”). Sendo assim, tanto em seu “porquê”, quanto em seu “para quê”, a educação deve pautar a formação cultural (Bildung) de um sujeito crítico, autônomo e consciente de seu papel pessoal e social. Deve conduzir o indivíduo a sair da preguiça intelectual e política e não mais deixar ninguém pensar e agir por si.<sup>5</sup>

A Educação, neste cenário, deve ser posta como formadora da crítica de todo otimismo do progresso e promotora daquilo que se porta como pessimismo para o sistema vigente. Esta oposição é fator predominante para a constituição da dialética negativa no processo educacional. Da infância ao esclarecimento o que deve haver é a presente crítica do sujeito sobre si mesmo e do seu papel social, como forma de questionamento da verdade conclusiva.

Mas como identificar em Adorno a sua compreensão de racionalidade frente a um mundo que prima por resultados imediatos? Vamos ler em Adorno.

Em geral este conceito é apreendido de um modelo excessivamente estreito, como capacidade formal de pensar. Mas essa constitui uma limitação da inteligência, um caso especial da inteligência, de que certamente há necessidade. Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência e ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiência. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (ADORNO, 2006. p. 151).

É evidente que o caráter de emancipação, pela educação, em Adorno assume um peso referente em seus argumentos. Emancipação não é um ato, um estado estanque que envolve o indivíduo, mas um devir que se coloca em um processo de constante vir a ser. Isto porque a complexidade das relações sociais exige que a concepção de emancipação

---

<sup>5</sup> Fazemos aqui alusão ao texto de Kant: “Resposta à Pergunta: O que é ‘Esclarecimento’?” (Aufklärung), (Kant, Immanuel. **Textos Seletos**. 4ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 63-71) do qual Adorno parte para apresentar a sua concepção sobre “Educação e Emancipação” (ADORNO, 2008, p. 169-185).

seja mais do que elemento retórico na dinâmica do mundo. Por este motivo, o pensador afirma:

Se não quisermos aplicar a palavra “emancipação” num sentido meramente retórico, ele próprio tão vazio como o discurso dos compromissos que as outras senhorias emprenharam frente à emancipação, então por certo é preciso começar a ver efetivamente as enormes dificuldades que se opõem à emancipação nesta organização do mundo...

O motivo evidente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até a discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo (ADORNO, 2006, p. 181-182).

As condições sociais, políticas e éticas, nascidas com o ideal de progresso, exigem uma nova visão sobre a concepção teórica e a concepção prática. Por isto, a Teoria Crítica passa a compor o elo entre o projeto iluminista e a tarefa efetiva da razão na contemporaneidade. Sendo assim, pensar o processo educacional é constituir um ambiente no qual a formação crítica do indivíduo para a emancipação se dá por uma articulação real entre teoria e prática,<sup>6</sup> primando pela superação dos elementos de massificação ou despersonalização.

## CONCLUSÃO

Pensar um processo educacional que aponte para a emancipação e autonomia do sujeito por meio de uma razão emancipadora é conceber a razão como emancipada. É pensar sobre uma razão que não se fecha em sistemas, que não promove a efemeridade, que não reduz os diferentes em iguais. De forma afirmativa, pensar em uma razão emancipada (consciente) é pensá-la como emancipadora (processo de formação da consciência).

Razão emancipadora é razão que fundamenta um processo educacional e esclarece as suas intencionalidades na história na abertura constante do ser humano para o entendimento do diferente, do singular significativo e do que é mais profundo na relação necessária com o real. É um processo que personifica os indivíduos e os retira da lógica da massa coletiva.

---

<sup>6</sup> Cf. ADORNO, 2009, p. 125-126.

Uma razão é emancipadora na medida em que passa a ser referência para a formação de um processo educacional que aponte, a partir dos problemas que afligem a raça humana, que afetam o meio ambiente e o convívio social democrático, para a formação contínua e permanente da pessoa para uma percepção e consciência de sua singularidade significativa no meio.

É na formação da pessoa para a significação de sua individualidade que se torna possível à compreensão do processo civilizatório ou cultural, assim como também o processo educacional como formação do sujeito crítico. É exatamente pela formação de uma consciência mais lúcida de si mesma e de sua importância no meio que se internaliza o processo de formação para a emancipação frente às forças próprias do sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. ***Dialética do Esclarecimento***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

\_\_\_\_\_. ***Dialética Negativa***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. ***Educação e Emancipação***. 4ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. ***Mínima Moralia***. Reflexão a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

HERRERO, F. Javier. ***Ética do discurso***. In Correntes Fundamentais da Ética contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2000.

KANT, Immanuel. ***Textos Seletos***. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.